

CORPO-TERRITÓRIO E TRANSDISCIPLINARIDADES

Direitos Humanos em pauta nos espaços do aprender

Hortênsia Labiak Neves[1]

Anita Lino (Ana Paula Lino de Jesus)[2]

Círculo de Saber nº 03 – Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Palavras-chave: Corpo-território; Transdisciplinaridade; Direitos Humanos.

Introdução

"*As experiências a que sobrevivemos vivem dentro de nós*".
Rupi Kaur (2020: 44)

Esta comunicação reflete metodologias para o ensino das Artes, voltadas a comunidades indígenas, tradicionais, rurais e periféricas, em diferentes contextos e regiões do Brasil. As reflexões partem da experiência de ações pedagógicas realizadas em situações distintas: junto a comunidades indígenas do povo Jamamadi e Pupỹkary/Apurinã, durante os meses de março a novembro de 2023, na Terra Indígena Lourdes-Cajueiro, município de Boca do Acre (Amazonas); e junto a crianças e jovens do Assentamento Denis Gonçalves, no município de Goianá

[1] **Hortênsia Labiak Neves** é Pós-graduanda em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus pensadores e pensadoras (EduCBR/UFPR-Litoral) e bacharela em Artes Cênicas-Interpretação (FAP/UNESPAR). É multiartista, arte-educadora, indigenista e ambientalista. Tem experiência na área das Artes Cênicas, Produção cultural, Audiovisual e Arte-Educação, também atua na área de Direitos Humanos junto a movimentos sociais e organizações indigenistas, contemplando múltiplas culturas e expressões de vida e arte. E-mail: hortensial.neves@gmail.com.

[2] **Anita Lino (Ana Paula Lino de Jesus)** é Doutora e Mestra em Antropologia Social (PPGAS do Museu Nacional do Rio de Janeiro / UFRJ) e Linguista de formação (UNICAMP). Realiza Pós-Doutorado em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFAC, e estudos de Música na Escola de Belas Artes do Paraná (UNESPAR). Tem ampla experiência como educadora, escritora, pesquisadora, editora de livros e produtora musical. É indigenista e ambientalista. E-mail: anapaulalino@yahoo.com.

(Minas Gerais), em outubro de 2024; também partem dos entrelaçamentos de nossas histórias prévias, como educadoras-artistas e educandas.

Com esta comunicação, procuramos entender as dimensões por onde nós, como educadoras-artistas, podemos circular nos espaços do aprender entre culturas, considerando as co-construções que ali são feitas entre todos os participantes no momento das aulas, de acordo com as necessidades das comunidades em que atuamos. A relevância deste trabalho se confirma quando notamos que, nas comunidades tradicionais faz-se profundamente necessário levar em conta o contexto que os discentes e docentes estão inseridos e a complexidade de suas realidades.

Para o V Seminário Internacional de Educação do Campo (V SIFEDOC), trazemos a reflexão sobre como as Artes podem ser utilizadas como ferramenta para construções sensíveis e coletivas, considerando realidades e formas de aprendizagem particulares de cada grupo social, mediante estudo do corpo-território como base reflexiva e elementar para cada caso. Busca-se, com isto, fazer confluir experiências com atividades pedagógicas descentralizadas e não-convencionais, numa metodologia hermenêutica, mediante engajamento em ações pedagógicas emancipatórias nos diversos espaços. O conceito “corpo-território”, afinal, tem funcionado como uma chave para determinar formas sensíveis e possíveis de conectar experiências, articular conhecimentos e combater violências nos espaços das ações pedagógicas.

A Metodologia da Transdisciplinaridade e do Corpo-Território

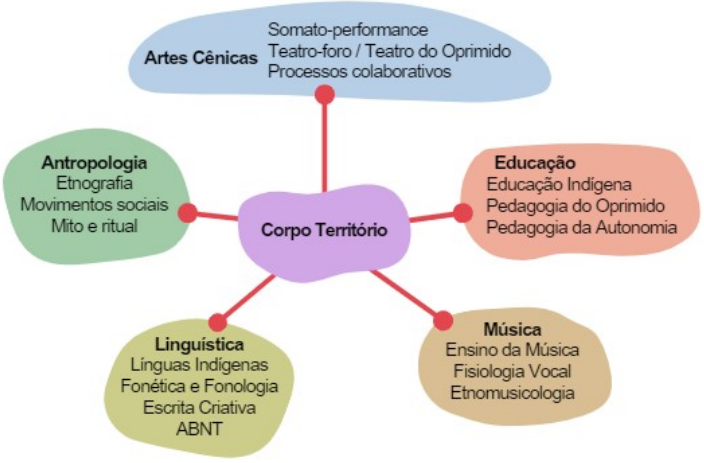
Nas duas experiências citadas, partimos de jogos teatrais, com aportes de Augusto Boal (1991 e 1996), Laban (1971), jogos teatrais de Viola Spolin (2007), bibliografia de Paulo Freire (2019a e 2019b), e atividades artísticas que refletiram, de maneira transdisciplinar, o corpo e o território, pensando a multiplicidade sociocultural, mediante exercícios teóricos e práticos que refletiam a temática da Acessibilidade e dos Direitos das Pessoas com Deficiência, e também tratando sobre temas que

envolviam pautas dos Direitos Humanos, soberania alimentar, cultural e linguística, demarcação de terra e reforma agrária, sobre movimentos sociais e combate a diversos tipos de violências, e sobre o papel da Arte na valorização das potencialidades a partir de singularidades.

Neste sentido, trabalhar corporeidade e territorialidade significou refletir as continuidades e descontinuidades dos efeitos diacríticos que conjugam o corpo e o território, em coletividade, ao longo do tempo.

O projeto que foi levado a cabo se propôs, em ambas as comunidades, a trabalhar as potências, mediante a elaboração de atividades pedagógicas com jogos teatrais, dancísticos, e no caso da Terra Indígena Lourdes-Cajueiro, em estudos de palavras na língua Jamamadi e na língua Pupỹkary. Estas ações pedagógicas permitiam mobilizar conceitos que se objetivavam à libertação deste grande bloco "corpo-território", buscando uma rearticulação ontológica (numa espécie de *onto-delia* catártica e coletiva). Longe de ser uma ação de metodologia indutiva, estes encontros tinham uma só meta: o de realizar estudos coletivos que refletissem a liberdade e as potências do corpo e da terra. Todas as atividades tiveram no bloco conceitual "corpo-território" a possibilidade de conectar diversas áreas do saber de maneira transdisciplinar.

Organograma da transdisciplinaridade



As diversas áreas que compõem a ideia de Corpo-Território trabalhada em nossas ações pedagógicas, cuja didática perpassa ambientes e temáticas. Mesclando vivência acadêmica, experiência de vida, trajetórias e objetivos a alcançar.

No organograma anteriormente apresentado, podemos observar um esquema da transdisciplinaridade traçada entre diversas epistemes. As Artes Cênicas, mediante atividades e reflexões que permeiam o campo da somato-performance, do Teatro Fórum e das técnicas do Teatro do Oprimido, e dos processos colaborativos; esta episteme se liga à grande área da Antropologia, que trabalha com as reflexões etnográficas descoloniais, os movimentos sociais, e os estudos de mito e ritual; liga-se também à grande área da Educação, mediante reflexões sobre Educação Indígena, Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia (com bastante inspiração em Freire, 2019a e 2019b); à grande área da Linguística, mediante estudos de Línguas Indígenas, Fonética e Fonologia, Escrita criativa e das normas e bases técnicas para produção de material bibliográfico; e também, liga-se à grande área da Música, através de reflexões ligadas à Educação Musical, à Fisiologia Vocal e à Etnomusicologia.

Conclusão

Falar de corpo, acessibilidade e direitos tanto na Terra Indígena Lourdes-Cajueiro (Amazonas) quanto no Assentamento Dênis Gonçalves (Minas Gerais), é também falar de território, vivência e de legitimidade. A realidade opressora é funcionalmente domesticadora. Sair dela (isso a que Freire – *op.cit.:* 46, chama de “libertação”) é se arriscar na fundação de outras realidades. Uma pedagogia que se proponha à emersão desta realidade opressora é uma pedagogia que se propõe a realizar as aprendizagens mediante a *desaprendizagem de um mundo já-posto*, buscando em outros mundos as potências que foram extirpadas, através da rearticulação da corporeidade, da territorialidade, da ancestralidade.

A arte e a performance, neste sentido, constituíram (e constituem) ferramentas rituais que permitem conectar ontologias, possibilitando a comunicação de modo a engendrar a troca e a reciprocidade, e a despertar no corpo a sua arte mais íntima: a intuição como um processo físico. A arte, nestes processos, não consiste apenas numa ferramenta de subverter ordens: ela recupera a vida, porque é ab-reatora (no

sentido levistraussiano, ver Lévi-Strauss, [1948] 2008) e pedagógica. E quando utilizada como ferramenta de emersão de realidades opressivas, ela liberta.

Assim sendo, a metodologia da transdisciplinaridade conectada com atividades e práticas que estimulem reflexões sobre o bloco conceitual "corpo-território" resultam interessantes em comunidades tradicionais do campo, das águas e das florestas, no sentido de possibilitar o fortalecimento de suas culturas.

Referências bibliográficas

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
_____. **O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

FREIRE, Paulo. **"Pedagogia do oprimido"**. 67ª ed., Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2019a.
_____. **"Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa"**. 58ª ed., Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2019b.

KAUR, Rupi. **"Meu corpo minha casa"**. Trad. Ana Guadalupe, São Paulo: Planeta, 2020.

LABAN, Rudolf. **"O Domínio do movimento"**. São Paulo: Summus, 1971.

LÉVI-STRAUSS, Claude ([1948] 2008). **"O feiticeiro e sua magia"** *in* "Antropologia Estrutural". Trad. Beatriz Perrone-Moisés, 1ª ed. Cosac Naify.

POVO JAMAMADI; Lino, Anita; Jamamadi, Nestina; Rodrigues Silva Jamamadi, Edson; Rodrigues da Silva Jamamadi, Jamil. **"Encontros: corporeidades de luta em luta: registro de atividades coletivas sobre acessibilidade e direito das pessoas com deficiência"**. Org. Anita Lino; Supervisão técnica e artística Hortênsia Labiak Neves – 1. ed. – Santa Bárbara D'Oeste, SP: Ed. Anita Lino, 2023.

SPOLIN, Viola & KOUDELA, Ingrid Dormien. **"Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor"**. São Paulo: Perspectiva, 2007.